

O papel dos segredos na invenção ou reinvenção das famílias

Autoras:

Monica Vorchheimer e Susana Muszkat

*"Mentira? O que é uma mentira? A mentira é uma verdade
que ainda não se lembrou de acontecer"*

(Mário Quintana)

*"Podemos, portanto, afirmar que a verdade não é
necessariamente o oposto da ficção, e que quando optamos pela
prática da ficção não o fazemos com o obscuro propósito de
deturpar a verdade".*

(José Luis Saer)

Introdução

Este artigo é fruto da surpresa clínica oriunda da experiência compartilhada entre duas analistas latino-americanas que normalmente se encontram para discutir seus casos.

Acreditamos que em todas as famílias há segredos; por vezes, alguém tem acesso a informações que não haviam sido abertamente reconhecidas ou mesmo circulado como histórias familiares, ainda que, quando desveladas, se revelem histórias inocentes.

No entanto, existem segredos cujos efeitos têm uma significativa influência sobre a configuração familiar, tanto em sua dinâmica, como em suas formações sintomáticas.

Não raro, a revelação intencional ou acidental de um segredo mantido escondido, produz uma comoção explosivo no interior de uma família, sendo este um motivo comum na busca pela consulta a um psicanalista.

Este foi o caso, por exemplo, de uma família ao saber que o avô, figura central de autoridade daquele grupo familiar, havia abusado sexualmente de mais de uma das netas. O forte impacto que sofreram com a revelação feita por uma das próprias meninas teve, além do efeito da notícia em si, o efeito de minar e colocar em dúvida o que havia sido o eixo estruturante central daquela família: os jantares semanais na casa do avô, casa onde toda a família ampliada se reunia como tal.

No entanto, a surpresa a que nos referimos aqui é distinta, quase oposta ao descrito acima. Relataremos duas situações clínicas onde a marca principal foi a de que, em ambas, a revelação, não só não foi acompanhada de algum tipo de choque ou grande surpresa aparente por parte da família ou em qualquer de seus membros, mas, ao contrário, produziu-se uma espécie de tamponamento onde o revelado foi rapidamente incorporado à história familiar, de tal maneira que, a comoção que poderia ser esperada não se deu. Em lugar disso, o efeito emocional foi vividamente sentido na contratransferência das analistas.

Em ambos os casos, foi a analista quem experimentou o impacto do qual os membros da família se evadiram.

Em ambas as famílias, as revelações levaram ao que aqui chamamos uma *reinvenção da família*. Em outras palavras, as novas informações que haviam sido escondidas sob o segredo foram incluídas na narrativa familiar, aparentemente destituídas de qualquer conflito, evitando assim, o temor de uma mudança catastrófica que poderia ter sido produzida pela revelação.

Ademais, diríamos que o fator marcante está precisamente nesta forma de rearranjo que o senso comum consideraria como bizarro.

O que poderia, em consequência do revelado, ter sido um estímulo à mudança ou um abalo à identidade familiar, de forma surpreendente, foi incorporado à narrativa familiar, de modo a garantir um senso de continuidade não disruptiva ao grupo. Há uma resistência que se opõe ao pensar, à elaboração e à re-significação; como se nada de novo ou diferente houvesse sido desvendado.

Eu outras palavras, a divulgação da nova informação é rapidamente "incorporada" à representação familiar sem que processos que se esperariam que ocorressem, de ordem inter ou intra-psíquicas tivessem lugar.

A contribuição da Teoria Vincular, tal como desenvolvida na América Latina, por Berenstein e Puget (1997), Moguillansky e Seiguer (1996), e outros sublinhou a importância do conjunto - casal, família, grupo ou instituição- como instituidor de novos traços de memória a partir de novas experiências que marcam as configuração inconscientes do indivíduo e do grupo. Ou seja, considera o aparato psíquico como um sistema aberto, permeável a novas experiências que instituem novas marcas de acordo com as experiências vividas pelos sujeitos nos grupos a que pertencem.

As relações não são meras repetições de padrões primitivos, sendo que cada novo vínculo cria novas dinâmicas e põe em marcha novas possibilidades de subjetivação. Assim, cada indivíduo em sua relação vincular, é tanto produto quanto produtor de tais formações vinculares e das subjetividades resultantes das mesmas.

Eventos, experiências, novidades, tais como o inesperado, o imprevisto, bem como as relativas à *ajenidad* (alheio) do outro, resultarão em novas formas de subjetivação, definindo novas relações vinculares de maneira permanente. Sob a perspectiva da teoria vincular, o analista olhará para o grupo não como a soma de seus indivíduos, mas sim, como um terceiro, um outro sujeito, deslocando seu ponto de observação de forma a privilegiar o grupo e aquilo que este produz em sua forma vincular, como foco prioritário.

Sujeitos são necessariamente *sujeitos-do-vínculo*, como afirma Kaës (1997).

O Eu é sempre um Eu-plural uma vez que, desde sua fundação mais primitiva, somente será viável e capaz de desenvolver-se numa rede vincular – casal, família, sociedade e assim por diante. Um sujeito não se constitui de maneira isolada sendo, incontornavelmente, produto do vínculo.

Entretanto, novos eventos podem desencadear resistências que se expressam sob a forma de repetição de comportamentos conhecidos. O sujeito poderá recorrer à repetição de forma a evitar os desafios e incertezas relativas ao novo, como também esse poderá ser o caso em algumas dinâmicas familiares quando a revelação de um segredo possa resultar em uma grande convulsão emocional.

Nesses casos, a fim de evitar a mudança psíquica, o grupo poderá recorrer a formas anteriores de organização libidinal de forma a manter-se em configurações conhecidas do passado, evadindo-se da elaboração/transformação que o conhecimento apresentado por uma nova situação demandaria. Deste ponto de vista, observar a maneira como uma família reage à revelação de um segredo, poderá nos informar tanto sobre a dinâmica daquela família, quanto propiciar o enriquecimento e ampliação do conhecimento dos funcionamentos intrapsíquicos de cada sujeito.

Segredos

Na prática clínica, operamos com transmissão entre gerações em suas duas vertentes: uma delas, construtiva, favorece o sentimento de pertença e de enraizamento, colocando cada sujeito e seu grupo familiar como elos entre gerações. Outro, quando a transmissão inclui algo vivido como proibido, humilhante, ou condenável, poderá causar severas psicopatologias, criando núcleos de estados disruptivos do psiquismo, de aspectos cindidas da mente e da história familiar, como criptas habitadas por fantasmas que carregam o não-dito ou indizível.

Vários autores têm se dedicado aos estudos relacionados a segredos e ao segredar.

Os segredos podem ser vivenciados em diversos níveis. Piera Aulagnier (1976), por exemplo, afirma a importância do direito da criança de guardar segredos para si como um meio de favorecer seu desenvolvimento em direção à aquisição de sua autonomia como sujeito.

Neste caso, guardar segredos ou mesmo contar pequenas mentiras, é uma realização de alta relevância por parte da criança pequena, ao dar-se conta de que tem uma mente separada, um universo particular próprio, inacessível ao adulto.

Revela também uma aquisição fundamental pela criança: o reconhecimento de que há fronteiras distinguindo um interior de um exterior, como também de que há um *outro* diferente dela mesma.

Isso lhe concede uma sensação de poder e controle sobre os próprios pensamentos e um espaço de privacidade, onde a criatividade pode se desenvolver. Pais de crianças pequenas muitas vezes, interpretam mal a

ocultação ou distorção de histórias contadas por crianças como uma contravenção moral ou como uma falta de lealdade por parte da criança. Isto, mais do que expressar qualquer falha por parte desta, revela o golpe narcísico vivido pelos pais quando os seus filhos começam a ter seus mundos separados e começam a funcionar como indivíduos separados deles.

Ainda em outra configuração, existem modalidades de segredos, cujos poderosos efeitos sobre os indivíduos podem não ser o resultado de seu conteúdo, de sua revelação propriamente dita, mas sim o resultado de sua qualidade não falada. Na base destes segredos, é frequente encontramos experiências traumáticas cuja carência de simbolização não lhes permite adquirir sentidos, pairando tal qual “buracos negros” de aspectos cindidos, sem que possam ser incorporados numa narrativa coerente para o sujeito.

O fato de haver algo escondido, impedido de ser nomeado, e forçosamente excluído da cadeia de pensamentos, será o substrato para que posteriormente isso seja transformado dentro da própria psique em elementos estranhos e tóxicos. Partes da realidade ou da história de vida de um sujeito são mantidas fora da consciência como se não-existentes, podendo ter efeitos patológicos em função de sua qualidade inconsciente.

Pode ser necessário reconhecer que, para alguns segredos, existe um elemento do proibido em sua revelação, seja devido à injunções do superego, como aprendemos desde Freud, ou como resultado de experiências traumáticas, que não adquiriram qualidade simbólica, sendo assim transmitidas de forma transgeracional, e expressando-se através de formações sintomáticas destrutivas.

Abraham e Torok (1978), analistas húngaros muito influenciados por Ferenczi, distinguiram dois tipos de fenômenos inconscientes: o primeiro, o inconsciente reprimido da histeria, onde a repressão é o resultado do conflito entre um desejo e uma proibição. Assim, não se trata de algo propriamente desconhecido, mas na verdade algo inaceitável como representação de um desejo, encontrando seu acesso à consciência através de sonhos, atos falhos, chistes e sintomas neuróticos em geral, como aprendemos com Freud.

Seguindo as ideias de Ferenczi, Abraham e Torok descrevem um segundo tipo de fenômeno inconsciente, estruturado a partir dos efeitos de experiências traumáticas precoces.

Como sugere Ferenczi, alguns sintomas são o resultado de eventos vividos de fato pela criança com um adulto - não qualquer adulto, mas um que seja fonte de identificação e irá desmentir a percepção da criança de forma a promover uma cisão em seu mundo interno.

Ainda em Freud (1896), encontramos ideia semelhante em sua carta 52 a Fliess, onde descreve os *fueros* como espaços desconectados e alheios, espaços desconhecidos do self.

Alinhados a essa ideia, as *tópicas realitárias* (Abraham et al.1990; Trachtemberg, 2013) são espaços separados de realidade refletidos em espaços específicos do aparelho psíquico. Nesses espaços estão as verdades inacessíveis, em função de seu caráter de desconhecimento, mantidos como aspectos mortos-vivos em espaços psíquicos inconscientes denominados *criptas*. Tais pessoas carregam dentro de si, nesses espaços inacessíveis, segredos, pedaços de sua história que não podem ser nomeados nem tampouco transformados por palavras ou símbolos. São denominados *criptóforos*- aqueles que carregam as criptas ou caixões dentro de si- e que sem que o saibam, sofrem os efeitos da falta de palavras, da impossibilidade de nomear, meio exclusivo de transformação de um morto-vivo em um morto enterrado e pranteado. Abraham e colegas descreveram o mecanismo por meio do qual, em função de um trauma, a identidade de um sujeito é substituída por uma identificação fantasmática com uma “vida” para além do túmulo. Cunharam para esse fenômeno específico, o termo *identificação endocríptica*.

Outros autores, tais como Gampel (2016) e Kaes et al (1996) teorizam ricamente sobre o caráter tóxico do não dito, enfatizando os efeitos patológicos dos segredos através das gerações, sem palavras, sem nome ou simbolização. Baseando-se em seus estudos sobre descendentes do Holocausto, Faimberg (2005), cunhou o termo *telescopagem de gerações* para descrever um processo específico de identificação pelo qual a história de uma geração anterior é passada para a geração seguinte sem que o paciente tenha

consciência dessa transmissão; como se estivesse possuído por um objeto estranho.

Segredos que não são revelados na geração anterior, não podem ser falados por falta de palavras ou símbolos na seguinte e se tornam sintomas na terceira, muitas vezes sendo expressos como adições, depressões, tentativas de suicídio, fobias, doenças psicossomáticas e outras.

Segredos, podem ter um caráter transgeracional, ou podem, como em um dos casos que iremos relatar, ser mantidos na atualidade, por um ou mais membros de uma determinada família. Gampel cunhará o conceito de *transmissão radioativa* para descrever resquícios inacessíveis e não-representáveis das memórias de violência e trauma social que permanecem "radioativas", escondidas em pesadelos, imagens e sintomas.

Nós, e outros autores como Alarcon (2007), Jaitin (2017) e Puget e Wender (1980), entendemos tais segredos como fenômenos do vínculo que têm efeitos sobre as subjetividades, não apenas sobre o indivíduo submetido a um segredo, como também sobre toda a dinâmica do grupo.

Os segredos podem assumir diferentes formas e são parte da matéria prima incluída nos romances familiares. Alguns indivíduos podem se agarrar a segredos pessoais como forma de defesa narcísica por medo de humilhação ou vergonha, ou ainda para exercer poder sobre outros. Outros tipos de segredos familiares incluem aqueles que são compartilhados apenas por alguns poucos dentro de uma dada família, mas cuja influência, no entanto, envolve de maneira inconsciente a todos. Embora também tingidos por tons narcisistas, estes podem funcionar inconscientemente como defesa contra uma exposição dolorosa, uma vez que significaria o colapso dos ideais pessoais, familiares e/ou sociais. O medo de ser excluído, de não mais sustentar um modo de vida idealizado ou manter a filiação a um determinado grupo social, pode estar no cerne da manutenção de certos segredos. Quando relacionados a laços de afiliação, isto é especialmente significativo. Frequentemente, haverá a crença de que a revelação provocará a desintegração da família.

Propusemos que um desejo fantasiado na organização subjetiva de algumas famílias pode funcionar como seu próprio "Romance Familiar", usando aqui a analogia discutida por Freud em seus primeiros trabalhos, a respeito da

construção subjetiva do indivíduo de uma família fantasiosa alternativa e melhorada. Este Romance Familiar, acreditamos, é uma construção conjunta, não uma criação individual, sendo que o produto do romance familiar infantil individual é reconfigurado à situação familiar atual, determinando novos laços e subjetividades familiares. Este romance familiar no conjunto é uma mistura, um híbrido, composto por passado e presente, repetição e novidade, invenção e reinvenção, singularidades e grupalidades.

Alarcón de Soler (2007), distingue dois aspectos importantes de um segredo: seu conteúdo e sua função. Os segredos, por mais que possam passar despercebidos por razões variando desde experiências insuportavelmente traumáticas até o desejo de manter ideais narcisistas de família, definitivamente se expressarão através dos efeitos sobre os laços entre os membros da família. Ela também descreve a intersecção de três níveis determinantes na construção e manutenção de segredos que estão de acordo com o que encontramos em nossa clínica.

Nós a citamos:

"Em relação ao domínio *intrapsíquico*, os segredos serão mantidos a fim de sustentar as necessidades ou ideais narcisistas de cada um. No nível *intersubjetivo*, eles serão mantidos de modo a manter os ideais familiares, e no espaço terciário, o *trans-subjetivo*, que tem a ver com o nível social, eles funcionam para manter a pertença e aprovação social do indivíduo". (p.137, tradução livre dos autores).

Os segredos familiares criam muitas dificuldades na situação clínica, particularmente quando as relações de poder, mesmo que disfarçadas, e as expressões de violência entre os membros de uma família estão em primeiro plano para mantê-los. Muitos autores enfatizam a contratransferência do analista como uma poderosa bússola para nos guiar em um campo que, não raro, é experimentado como uma zona de confusão e perplexidade.

Material clínico

Vamos agora ilustrar estas ideias com duas vinhetas de tratamentos familiares diferentes, ambas disfarçadas para fins de confidencialidade.

1º caso:

A família Lopez está em tratamento há quase 7 anos. O espaço neste artigo não nos permite elaborar as vicissitudes do caso mais amplamente, mas sim focalizarmos em nosso tema. A família demonstrava uma intolerância em que suas três filhas - Maria, a mais velha, Laura e Jane - crescessem. Incapazes de tolerar diferenças, a família era dominada pela ilusão de uma infância sem fim. As três filhas, ainda que já na casa dos vinte anos, continuavam a ser tratadas como crianças pequenas pelos pais. O sintoma que motivou a consulta em primeiro lugar foi uma grave fobia vivida por Jane, a mais nova, que a manteve isolada do mundo durante anos; ocasionalmente, os pais se referiam à menina como tendo se exilado. Não foram apenas as preocupações com esta filha que os levaram ao tratamento, mas, mais importante, as brigas conjugais por causa da atitude da mãe. Diante de qualquer dificuldade que lhe causasse angústia, a mãe pegava sua bolsa e saía de casa, fosse para o escritório ou para a rua, sob uma espécie de impulso irracional para escapar. Seu marido dizia que ela *desaparecia*. Ela, por sua vez, dizia que as dificuldades se tornavam insuportáveis para ela e que seu impulso era o de fugir. Ele reclamava dizendo que ela deveria falar-lhe e dizer-lhe o que sentia ao invés de fugir, mas ela se mantinha sem palavras.

Era surpreendente que outra situação desta família não suscitasse qualquer preocupação por parte dos pais, mas apenas às irmãs. Mary, a mais velha, tinha um namorado e, naquela época, costumava passar todos os finais de semana em sua casa, embora eles vivessem no mesmo bairro.

Uma vez, em uma sessão, houve uma acalorada discussão entre as irmãs quando Laura, uma das irmãs, reclamou que Mary costumava desaparecer às sextas-feiras como se ela não fizesse mais parte da família e que John, o namorado, tinha uma influência muito forte sobre ela. Enquanto as irmãs discutiam fortemente, os pais assistiam a essa briga sem dizer nada e deixando-as brigarem de forma cada vez mais insultuosa.

A mãe mantinha-se calada e o pai só interveio com comentários que foram qualificados pelas meninas como ridículos. Isto fortaleceu o papel de Laura na discussão como aquela que tentava abrir os olhos dos membros da família como se dissesse: você não vê que há um problema aqui?

Entretanto, foi somente quando a mãe pegou sua bolsa e estava prestes a sair da sala que seu marido reagiu, tentando acalmar suas filhas para que a mãe não fugisse. Foi surpreendente para o analista testemunhar a intolerância da mãe para enfrentar conflitos e como a reação do pai tinha um caráter bastante teatral.

As tensões das irmãs podem ser compreendidas em diferentes níveis, mas para o propósito deste trabalho só comentaremos uma característica repetitiva na família: parecia que elas precisavam criar grandes argumentos a partir de coisas pequenas para exigir uma figura heroica que salvasse a família de um colapso catastrófico. A situação familiar parecia ser um esforço heroico, com alguém sendo um herói e alguém desaparecendo e sendo resgatado.

Este caráter heroico, como Bion (1961) sugere, expressa um pressuposto básico que garante a identidade familiar: se há uma ameaça de colapso, há necessidade de um herói que impeça esse colapso e, em seguida, os membros da família se organizem em torno dessa dinâmica e, assim, dêem consistência ao grupo.

O tratamento progrediu bem com o tempo; o paciente designado começou a sair, a atmosfera na relação entre o casal melhorou e as discussões passaram a ser de caráter mais triviais. O temor catastrófico diminuía.

Um dia, a família chegou ao consultório dizendo-me que o avô materno, um homem idoso que raramente havia aparecido na narrativa das sessões, havia morrido. Sua esposa havia morrido dois anos antes. Imediatamente, a mãe conta que no hospital enquanto ele estava em coma, horas antes de morrer, ela decidira tirar um fio de cabelo de sua cabeça com a ideia de ter o DNA estudado pois sempre se questionara quanto a ser sua filha. Ela acrescentou que havia feito o mesmo quando sua mãe falecera dois anos antes, e que ela mantivera esse fio de cabelo desde então. Ela disse isso de passagem como se fosse algo comum, e nada estranho. Nunca havia mencionado nada a respeito de suas dúvidas. As meninas tampouco reagiram com surpresa, mas a analista ficou chocada. Os resultados chegaram uma semana depois e

confirmaram suas suspeitas: seus pais não eram seus pais biológicos. A família contou de maneira bastante épica como o pai estava ajudando a mãe na pesquisa sobre suas origens. Uma longa lista de perguntas e contatos forneciam dados intrigantes. Árduos trabalhadores, criando uma nova aventura épica onde nascia um novo herói. Passados alguns dias, conseguem identificar quem eram seus pais biológicos. Tendo descoberto que ambos moravam no exterior, imediatamente entraram em contato e viajaram para conhecer sua verdadeira mãe, que estava viva, e aprenderam com ela a verdadeira e surpreendente história. A mãe havia nascido em uma colônia religiosa judaica na Europa (a família Lopez era cristã). O pai biológico, um judeu ortodoxo, engravidara a mãe de minha paciente quando jovem e solteira, e, quando esta deu à luz, foi imediatamente separada de seu bebê e expulsa tanto de sua comunidade - por não ser judia - como de seu país e nunca mais se soubera dela. Ela literalmente desaparecera. O bebê fora adotado ilegalmente de forma clandestina na Europa e jamais soubera de sua história pela família adotiva. A história causou um forte impacto na analista, embora a forma como foi sendo narrada durante a sessão indicava que, para a família em si, não lhes parecia nada surpreendente.

Tudo aconteceu muito rapidamente. Algumas semanas depois, toda a família Lopez, junto com a mãe biológica e seu marido estavam viajando para a Europa para conhecer a família judaica do pai. O rabino recebeu a mãe, eles visitaram o cemitério onde os parentes foram enterrados, e logo ela começou a aprender sobre o judaísmo e suas tradições.

Entretanto, nada parecia produzir perplexidade ou estranhamento dentro da família que continuava a vir ao meu consultório. Era surpreendente como lhes parecia natural incorporar estas revelações sem se sentirem perplexos ou envergonhados. Um único elemento, no entanto, parecia ser um indício indireto do tumulto que estava sob a superfície, mas que podia ser visto na contra-transferência da analista que se sentia chocada e perplexa e, às vezes, confusa quanto aos novos personagens que desfilavam diante dela. Havia algo sobre a história dos "novos parentes" que produzia um efeito de comédia,

como se estivessem contando uma cena cômica, ao descreverem uma gama enorme de parentes com nomes judaicos e bíblicos.

Contavam histórias cômicas de como tinham que aprender a cozinhar pratos típicos judaicos, mencionaram um parente com Alzheimer que repetia a mesma coisa várias vezes, ou ainda, os rabinos que queriam converter o Sr. Lopez, criando uma atmosfera divertida e compartilhada. No entanto, mesmo considerando o efeito da comicidade, a naturalidade com que a família havia incorporado esta "novidade" introduzida pela revelação do segredo era impressionante. Agora eles ainda eram a mesma família Lopez, mas judeus, poderíamos dizer. Eles eram a mesma família, mas uma família estendida com outra mãe, avó, avô e um grande e novo mito de suas origens.

Era impressionante testemunhar como o espírito épico que rodeava esta família era agora reproduzido, na qual havia sempre um líder corajoso, o salvador da filha fóbica, a esposa ou a família como um todo. Uma nova ação heroica foi fundada a fim de recuperar estes parentes desconhecidos, mas, ao mesmo tempo, mantendo a mesma dinâmica familiar que parecia uma característica da identidade do grupo familiar. Além disso, podíamos dizer que graças a esta nova grande ação que implicava desvendar as pistas ocultas de uma saga, a identidade familiar foi reforçada: a épica, a corajosa, a heroica, todas estas antigas identidades proviam renovado colorido à identidade familiar.

A analista apontou a necessidade da família em descartar a nova informação, incorporando-a rapidamente como se não fosse uma novidade de grandes dimensões, como forma de preservar a identidade familiar, mas ela só recebeu respostas maníacas como piadas, negações ou reforços de auto-grandeza, enfatizando, por exemplo, a capacidade que tiveram em descobrir a verdade tão rapidamente.

Um dia, esperando que eles viessem à sessão, eles não apareceram. Eles desapareceram subitamente e nunca mais deram notícias, nem pagaram as sessões que deviam. Tentativas de localizá-los não tiveram sucesso.

2º caso:

Maria procurou análise, por preocupação com uma de suas netas, Lisa, que tinha tido muito pouco contato com o filho de Maria, João, ao longo de sua criação. Maria desejava ajudá-los a se aproximarem como pai e filha. Ela também desejava, apesar de não tê-lo expressado desta forma, e talvez de forma não plenamente consciente, trazer tanto sua neta quanto seu filho para mais próximos de si, a fim de ter um controle mais forte e mais central sobre seus descendentes familiares. Ela expressou sua preocupação com o fato de que a criança não tinha acesso a seu pai, pois ele não estava em bons termos com a mãe da criança. Assim, a criança tinha sido deixada inteiramente a cargo de sua mãe. A importância do papel dos pais, da figura paterna, nesta família não era aparente nesta fase, mas, em retrospectiva, é agora muito mais clara, abrindo-se como um significante potente, como será discutido abaixo. Posteriormente, sua filha mais velha, Martha, que havia estado bastante deprimida, foi convidada por Maria a participar das sessões de terapia familiar, o que prontamente ocorreu. A depressão de Martha tinha sido uma característica desde sua infância. Ela descreve como frequentemente se sentia deslocada, desamparada e distante de seu pai, apesar de seus esforços para mudar isso.

A forma de Maria se comunicar durante as sessões era algo que se assemelhava a um método de "bombardeios desnortadores", o que significava que os temas abordados, eram subitamente "bombardeados" com um assunto totalmente distinto, de forma que os temas eram interrompidos, não eram aprofundados, e o rumo da sessão assumia uma direção completamente diferente.

Um fator intrigante foi o de que, apesar de a analista ter notado isto repetidamente como uma dinâmica, esse fenômeno nunca foi considerado nada que surpreendesse ou mesmo desencadeasse a curiosidade dos outros na sessão. Eles não se mostravam nem frustrados nem impressionados com o fato de um tema ter sido repentinamente abandonado e o curso da conversa ter seguido uma direção diferente, nem tampouco transmitiam um sentimento de desorientação quando isso se dava.

A analista, por sua vez, se sentia-se intrigada por esta dinâmica imposta regularmente pela mãe, num esforço para compreender sua função no vínculo familiar. Se muitas vezes parecia que eles não tinham um interesse particular em explorar ou investigar temas específicos, ainda assim, eles honestamente valorizavam e desfrutavam desses momentos de se reunirem como família durante as sessões. Pareciam sentir que o propósito das sessões era mais uma oportunidade de reunião familiar do que uma sessão psicanalítica propriamente dita.

A hipótese da analista era a de que um conluio inconsciente entre irmão e irmã garantiam que, ao permitir que a mãe seguisse seu comportamento de forma inquestionada, eles logravam mantê-la na posição idealizada e de poder que ocupava na família.

Um dia, inesperadamente, outro "tema bomba" foi largado quando a mãe anuncia a todos que tem algo importante a relatar com todos presentes, o que incluía a analista. Ela havia sido diagnosticada com uma doença importante e potencialmente ameaçadora há algum tempo, e estava preocupada com a possibilidade de morrer, levando consigo uma importante informação não compartilhada. Além disso, como chefe de um importante negócio familiar, queria ter certeza de que seus filhos o continuariam sem que esta informação afetasse nem o negócio nem os laços de parentesco. Ela continua a dizer, de maneira muito natural, que Martha, sua mais velha, era na verdade a filha de um amante secreto que tivera, sendo que este nunca tivera conhecimento de sua existência. Assim, o pai com quem Marta crescera, acreditando ser seu pai não era, na verdade, seu pai biológico. Parecia que Maria esperava/desejava milagrosamente que, ao revelar-lhes esta informação, a informação em si se esgotasse e o assunto não levasse a maiores consequências, como que encerrado. Assim, ela revela e ao mesmo tempo nega a importância da notícia, como se fosse um truque de mágica, que tivesse o poder de apagar seu efeito verdadeiro. De fato, não houve praticamente nenhuma reação, como se esta fosse apenas uma informação interessante ou mesmo uma notícia antiga. A analista fica muito perplexa com a situação e experimenta um efeito desorientador.

A família, por sua vez, mostra-se muito surpreendida pela surpresa da analista, pois tomam isto como uma mera informação sem maiores consequências. A contratransferência da analista, se mostrou em consonância com o que diversos dos autores acima citados descrevem, onde o impacto é experimentado pela analista enquanto negado/recusado por Maria e seus filhos. O aspecto mais específico sobre o "lugar do pai", mencionado acima, tornou-se mais claro como um elemento estrutural. O fato revelado de um "pai falso" expôs uma ruptura na estrutura e na história da família, e com isso um temor por parte de Maria da desintegração ou do colapso desta família, na qual ela tanto investira para manter unida. Segredos, como a omissão de informações importantes, podem ter, como discutido acima, a intenção de salvaguardar as estruturas narcísicas do Eu e garantir a continuidade de uma família idealizada.

Nesse caso, a figura paterna como um elemento estruturante simbolicamente perdido - a preocupação que havia desencadeado a busca de análise de Maria em primeiro lugar - fora uma fonte permanente de sentimentos persecutórios de ameaça de desintegração enquanto família.

Vale notar que, neste sentido, estar em terapia familiar, tendo à analista como testemunha, em um setting de análise de família, confirmava e os reassegurava quanto ao sua condição de serem família. Eles podiam acreditar em si mesmos como um grupo familiar, através do espelho/olhar da analista que os considerava como tal.

A negação do impacto que a revelação do segredo poderia ter tido era consistente com o desejo de manter uma figura materna idealizada. Quanto a Maria, era crucial que acreditasse que não causara danos a esta família e que se mantinham de fato uma família intacta, não uma família quebrada.

A analista, tinha como função, ser uma espécie de garantidora da coesão familiar, como uma espinha dorsal, sustentando-os como família.

Discussão Final

A partir dos exemplos clínicos acima, qual seria a dolorosa verdade evitada ao ser negligenciada a importância da revelação? Por que estas famílias se

esforçam em ignorar - por assim dizer - a comoção que o contato com uma tal novidade poderia despertar?

Acreditamos que além dos conteúdos específicos que derivam das singularidades de cada caso, aquilo a que se resiste é o tomar consciência da condição de instabilidade negada pela fantasia idealizada imaginária que sustenta uma família. Caso pudesse ser reconhecido, teria este reconhecimento ameaçado ou posto em questão seu sentimento de pertencimento e integridade? Tais sentimentos são frequentemente baseados fundamentalmente numa ideia de homogeneidade e sustentadas por uma crença em relação a um mito de origem familiar supostamente compartilhado. Nesta resistência, o que também é negado é que o conjunto envolve fragilidades, irracionalidades, rachaduras e aspectos não compreensíveis. Em vez disso, por meio da ilusão de continuidade, este último pode ser inquestionavelmente incluído e incorporado em uma narrativa compartilhada, evitando o risco de colapso da família, bem como, o colapso das identidades de cada um de seus membros. Ao mesmo tempo em que recusam o teste da verdade, evitam o desapontamento de reconhecer a descontinuidade, incerteza sobre o futuro, a inconsistência de crenças anteriores e uma visão de mundo falaciosa que as amalgamava.

Se, enquanto o segredo é mantido sepultado, há uma função preservadora de repressão ou repúdio, quando é revelado, seu significado traumático precisa ser diminuído, apagado ou embaçado de modo a evitar o colapso que esta "violenta ou abrupta" reintrojeção do trauma poderá causar.

Sugerimos que quando um ou mais membros da família são submetidos a um segredo ou são habitados por uma cripta inconsciente, - quando vive uma vida que não é sua -, os efeitos se estendem ao conjunto da família como um todo.

No primeiro caso, houve uma violência exercida pela imposição de uma nova interpretação da história da família com sua nuance delirante, embora esta narrativa tenha perpetuado a característica heroica que sempre marcou a família. Esta "nova" identidade exerceu violência sobre os descendentes, ignorando suas subjetividades, sua diferença (*ajenidad*) radical manipulando-os como marionetes de desejo materno. Foi no campo da transferência/contratransferência onde o trauma da mãe "desaparecida" foi repetido e encenado,

não apenas por meio do impacto emocional da analista, mas também pelo desaparecimento concreto e não verbalizado das sessões. Também poderia ser dito que, como testemunha da tragédia transgeracional, a própria analista foi transformada em um fantasma exilado já que a família nunca mais fez contato com ela, apagando as experiências terapêuticas anteriores.

No segundo caso, a depressão da filha nunca havia sido considerada como ligada à história familiar e a de um pai não pranteado. Além disso, a autoridade da mãe e o poder que ela exercia sobre seus descendentes, estabelecido em conluio com seus filhos, apontavam para a necessidade de salvaguardar narcisicamente a continuidade de uma família ideal e estruturada. Assim, a analista tornou-se a garantidora da integridade da família, uma vez que representava a testemunha e guardiã do ambiente analítico, como um conector da unidade familiar.

Em ambos os casos, a economia libidinal das famílias foi alterada e empobrecida, pois havia um membro condenado a viver uma vida que não era a sua.

Em ambos os casos, a analista experimentou o choque emocional recusado pelas famílias sob a forma de surpresa, perplexidade. Esta negação mostra a força que o impacto da experiência de descontinuidade nas auto-identidades das famílias pode produzir.

Neste trabalho, focalizamos as formas específicas que estas famílias evitaram processar o que foi revelado através do desvelamento de segredos.

Entendemos que as famílias enfrentaram uma ameaça à sua identidade, recorrendo à reinvenção de um novo mito de origem com a inevitável restrição à liberdade e à criatividade.

Acreditamos que cada família inventa e se reinventa ao longo dos anos. Entretanto, esta reinvenção pode estar a serviço da criatividade e da transformação ou, contrariamente, pode ser uma forma de repetir o mesmo para recusar o novo.

